

A APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E A INFLUÊNCIA DA MOTIVAÇÃO NESSE PROCESSO¹

Elba Siqueira Gomes da Fonseca

Doutora em Educação pela UNISAL, Técnica Pedagógica da rede municipal de Educação de Palmeira dos Índios. E-mail: elbasgomes@hotmail.com

Resumo

Sem dúvidas a motivação é uma grande aliada no processo de aprendizagem, em praticamente todas as modalidades de ensino, porém, em especial, nos anos iniciais do ensino fundamental. Buscando-se entender qual a influência da motivação no processo de aprendizagem, realizou-se esta pesquisa. O método de procedimento utilizado foi a pesquisa bibliográfica, sendo a mesma embasada em diversos autores que se debruçaram sobre os estudos referentes a motivação e a aprendizagem. Os alunos do ensino fundamental precisam estar constantemente motivados a aprender, pois, ainda na infância a criança não tem a real noção sobre a importância da aprendizagem, precisando o aluno ser estimulado, impulsionado a participar do processo de aprendizagem, a fim de que o mesmo alcance sucesso. Concluiu-se que, a motivação é necessária ao processo educativo, é ela que instiga e impulsiona o aluno a avançar.

Palavras-chave: Motivação; Ensino; Aprendizagem.

Introdução

O tema motivação é uma questão atual, que envolve alunos e professores; visto que as aulas têm tido grande dificuldade em cumprir o seu objetivo principal, que é o de favorecer o processo de ensino e de aprendizagem de forma significativa; a referida pesquisa pode contribuir para que haja melhorias no processo de ensino – aprendizagem nas turmas dos anos iniciais do ensino fundamental.

O objetivo deste artigo é relacionar, a importância da motivação no processo de aprendizagem, especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental. O método de procedimento utilizado para construção deste artigo foi o estudo bibliográfico.

Sabe-se, que diversos fatores contribuem direta e indiretamente para o sucesso do ensino e da aprendizagem. Tais fatores de ordens diversas, têm se refletido diretamente na aula, desse modo a referida pesquisa tende a buscar reconhecer quais são esses fatores e até que ponto eles têm interferido no sucesso da vida escolar.

¹ Artigo apresentado e publicado em: VIII EDUCOM –Colóquio Educação e Contemporaneidade, setembro de 2014, ISSN – 1982 3657

Pois, a motivação segundo NÉRICI (1993) é um processo que começa a se desenvolver no interior de cada ser, o impulsionando a agir em função de algo, esse impulso pode ser mental ou físico, porém, uma vez motivado o indivíduo passa a perseguir seus objetivos, tendo a convicção de que é possível alcançá-los. Nessa perspectiva o indivíduo motivado tende ao alcance de tais objetivos.

Desenvolvimento

Desde a Idade Antiga, procura-se identificar as principais características dos processos que ocorrem na mente humana, e dentre os vários processos mentais identificados, a MOTIVAÇÃO é um dos que ocupam posição de destaque.

Entende-se que o termo motivação vem do verbo em latim *movere*, que quer dizer mover, sendo assim, motivação está totalmente relacionada a ação, movimento e atividade, sendo que, os estudos tradicionais relacionam o referido termo á direção e persistência na conquista de um determinado objetivo, porém, uma definição que incluísse todas essas características iria compreender diferentes ciências (psicologia, sociologia, dentre outras), por essa razão, alguns autores persistem em definir a motivação como o potencial para a ativação e direção do comportamento (Buck, 1988).

Faz-se necessário compreender que, nos dias atuais, a motivação é entendida como algo que ativa e dá energia ao comportamento. Desse modo, ela faz parte da dinâmica da atividade humana, apesar de não ser algo que seja diretamente percebido ou observável. (Casteleiro, 2001). É comum o indivíduo perceber os sinais da motivação ou a ausência dela, basta analisar seu próprio comportamento e / ou o comportamento dos sujeitos ao seu redor.

Motivação e comportamento, motivação e ação, são palavras que estão intimamente relacionadas. Para Abreu: “A motivação está na raiz do comportamento. Toda a atividade tem origem numa “energia” geradora de “forças”, ou de “dinamismo” que mobilizam ou põem em movimento os protagonistas da atividade”. (ABREU, 1998, p. 5).

É inegável reconhecer que a motivação está diretamente interligada ao comportamento humano e está ainda intimamente relacionada ao grau de eficácia das ações desenvolvidas pelo sujeito, tal pensamento está de acordo com as concepções de Serpa (1992), ao entender que a motivação, consciente ou inconscientemente está relacionada aos fatores pessoais e situacionais, relacionando-se com as experiências

recentes, assim como, com aquelas já passadas, independentemente das necessidades psicológicas, fisiológicas e sociais.

2.1 TEORIAS DA MOTIVAÇÃO

A partir de um estudo mais cuidadoso, percebe-se que diversas teorias sobre motivação exploradas no início do século XX, desde a visão da psicanálise às teorias comportamentais relacionadas a aprendizagem, percebe-se características hedonistas, visto que propõe – se o prazer como mola propulsora para a manutenção do comportamento. Aos poucos, as teorias não cognitivas, relacionadas a motivação foram sendo substituídas por teorias que fundamentam-se na cognição do sujeito, nas teorias cognitivas e no papel do pensamento. É importante entender que a motivação evoluiu de um caráter mecanicista para um quadro mais cognitivista.

São diversas as teorias que tratam da motivação, dentre elas destaca-se:

- Teoria Etológica – a motivação é o resultado de impulsos, que se estabelecem no sistema nervoso central até que estes sejam liberados por um estímulo ambiental, acionando assim, os centros nervosos coordenadores que estão organizados de forma hierárquica na busca de elaborar uma sequência de comportamentos que influenciam os fatores inibidores do comportamento (Rodrigues, 1998);
- Teoria Psicanalítica – se embasa nas questões biológicas da motivação, respaldando-se ainda na tradição biológica dos pensamentos que aparecem no decorrer das ações desenvolvidas de acordo com a tradição cultural, dos fatores que induzem o comportamento, consideram-se estas as fontes energéticas. Nesses termos, tais energias se dividem em dois tipos: psíquica – aquela que se manifesta através de impulsos que ocorrem inconscientemente, levando o sujeito a agir; musculares – se refere aos impulsos instintivos, como a fome, o sexo, a sede. (Rodrigues, 1998);
- Teoria Humanista – é considerada fruto da situação, já que a motivação humana se apresenta através de atividades instintivas que facilitam o aprender comportamental de forma inteligente em concordância com os costumes adquiridos através da influência do meio ambiente, modelando dessa forma as programações genéticas. Entende-se ainda, que a motivação humana se desenvolve através das experiências e conhecimentos adquiridos através do meio em que o indivíduo está inserido, o que não contempla as questões referentes ao inatismo ou a genética humana, renegando

totalmente o instinto (Rodrigues, 1998).

- Teoria Behaviorista – parte da ideia de que o processo de aquisição do conhecimento está relacionada a cadeia de estímulo – resposta – reforço. Nessa perspectiva, o ambiente oferece a pergunta e o sujeito oferece a resposta. Esta teoria é vista como um aperfeiçoamento da Teoria das Relações Humanas. De acordo com esta teoria as pessoas estão mecanicamente atreladas às condições que conduzem o indivíduo a um resultado de premiação ou castigo. Estas concepções são as mais impactantes em se tratando de senso comum.

No contexto universal das teorias da motivação, encontram-se duas que são de extrema importância para a área e para que se possam compreender os mecanismos que motivam os seres humanos, elas são as seguintes: a desenvolvida por Maslow chamada de “Hierarquia das Necessidades” e a defendida por Herzberg conhecida como “Fatores de Higiene – Motivação”, ou “Teoria dos Dois Fatores”.

Herzberg (1997) reforça a ideia da dependência de dois fatores, são eles: extrínsecos e intrínsecos, os primeiros relacionados ao ambiente de trabalho e os segundos relacionados diretamente ao conteúdo da atividade do profissional.

Os fatores higiênicos ou extrínsecos estão interligados com as condições de trabalho, com as características sociais, fisiológicas e de segurança. Age preventivamente buscando evitar a insatisfação. São chamadas de higiênicas porque semelhante aos princípios que induzem a higiene médica, quando observadas, evitam doenças, pois, devidamente conduzidas e utilizadas evitam a insatisfação, mas, não leva diretamente o indivíduo a satisfação no trabalho (Malta, 1999).

A teoria defendida por Maslow (1954) tem dado um importante suporte a vários estudos, especialmente quando o objeto de tal estudo refere-se aos níveis relacionados a satisfação e motivação docente. Ele defende que a motivação está embasada em uma hierarquia de necessidades, necessidades estas que motivam as devidas respostas aos estímulos. O autor estabelece suas necessidades através de uma pirâmide que obedece a seguinte hierarquia (considerando-a a partir da base):

- Necessidade fisiológica – são aquelas que se referem às necessidades básicas de sobrevivência, como: a sede, a respiração, o sexo e a fome, dentre outras;
- Necessidades de segurança – refere-se à proteção, estabilidade, ordem, lei e segurança;
- Necessidades sociais, de pertença ou de relacionamento e amor – está relacionada às relações de integração e estima entre os indivíduos, a questão de ser

aceito por um grupo e conseguir êxito na execução de um projeto;

- Necessidades de estima e reconhecimento – relaciona-se ao sentir-se valorizado e também reconhecido por outras pessoas. Percebido externamente agrega o desejo de boa conduta, reputação, fama, auto estima, dentre outros;
- Necessidade de auto realização – inclui empenho na busca pelo saber e a necessidade de constante atualização dos conhecimentos.

Maslow diferencia os graus de satisfação em dois grupos: satisfação interna, que são advindas das necessidades de segurança e fisiológica relacionadas aos fatores internos do indivíduo. Já a satisfação externa, são aquelas que surgem através de fatores externos relacionados as necessidades sociais, de auto realização e também de estima (Bilhim, 1996).

Muitas outras teorias motivacionais foram desenvolvidas e continuam a se desenvolver, porém, é preciso também, saber distinguir motivação de motivos, para então observar ou conceber a teoria mais aceitável.

O termo motivo tem um conceito próprio, ele é o resultado de um processo gerado inicialmente na mente e tem um caráter biológico. Desse modo, os motivos são apreendidos, eles são o resultado de aprendizagens que foram adquiridas durante a vida, variando de acordo com a cultura de cada um, já a motivação se trata de um processo de intervenção (Correia, 1993).

A motivação é uma condição necessária para que a aprendizagem aconteça, ela é fruto de uma relação de valores e objetivos resultantes das relações humanas, dada a sua importância em despertar o interesse por aprender e em motivar para o processo de aprendizagem, pois, para que os alunos trabalhem de forma espontânea precisam ser impulsionados, precisam querer e especialmente precisam se sentir motivados.

2.2 MOTIVAÇÃO E APRENDIZAGEM

Um das maiores dificuldades com que os professores tem se deparado, é, em especial nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o desafio de ensinar a alunos que não estão motivados a aprender, ou não absorvem a importância da aprendizagem.

Mas, com relação a aprendizagem, o que é a motivação? Para Antunes: Motivação é ato ou efeito de motivar. É um conjunto de fatores psicológicos, conscientes ou inconscientes, que agem entre si e determinam a conduta de um indivíduo. No plano pedagógico, a motivação é representada por uma série de ações desenvolvidas pelos professores

que objetivam despertar o interesse e a curiosidade dos alunos. (2012, p.33)

Nesse sentido a motivação é o impulso que deve partir do docente, uma vez que este é o sujeito que, no fazer pedagógico, deve incentivar os educandos, despertando neles o gosto pela aprendizagem e o prazer em adquirir novos conhecimentos.

É preciso considerar que cada pessoa é diferente e que o discente, ao adentrar a escola, não está vazio, ele chega com uma bagagem de conhecimentos previamente adquiridos, que precisam ser explorados pelo professor, uma vez que este promove a interação entre a aprendizagem e o aluno, devendo aproveitar os contextos já apropriados pelo aluno e expandi-los, despertando neste o desejo de aprender mais.

Para Queiroz, motivação refere-se:

[...] aquilo que desperta no aluno o desejo de aprender algo novo. As necessidades orgânicas, as atitudes e os interesses são motivos que instigam o indivíduo a ação e à atividade objetiva. As motivações que processam no interior do indivíduo. A motivação é um impulso ou uma tendência diretiva que se processa no interior do organismo (QUEIROZ, 2008, p.177).

Saber motivar, no processo de ensino – aprendizagem implica em entender como o aluno aprende. A pré disposição do aluno em aprender, depende em grande parte da atuação do professor em sala, sua didática, sua metodologia e sua dinâmica de ensino.

A motivação dos alunos é um fator extremamente positivo no processo de aprendizagem, pois ela é decisiva para o sucesso do aluno. O docente nessa perspectiva deve ser o impulsionador e promotor de um ambiente atrativo de aprendizagem.

O professor deve promover adequadamente motivações no desenvolvimento de suas aulas, mesmo diante do quadro burocrático e/ou praticamente estático (supostamente julgado) em que se estabelecem pressupostos da educação (currículo, avaliação, programas, etc.), pois, é possível ao docente, contribuir para a autonomia do aluno, através de aulas atrativas e diversificadas, buscando ainda tornar as aulas dinâmicas, oferecendo as ferramentas que proporcionem uma aprendizagem significativa e que despertem no aluno o prazer pela aprendizagem.

É fato que uma das maiores dificuldades que os professores enfrentam todos os dias em suas salas de aula é a falta de motivação dos alunos, especialmente no ensino fundamental, pois, é difícil ensinar se os alunos não querem aprender. A aprendizagem é via de mão dupla, é preciso que o receptor esteja aberto a aprender, ou o trabalho

docente será em vão.

Percebe-se atualmente que há pouca motivação nas escolas, conforme Marchesi (2004, p.129) a presença dos jovens nas escolas se explicam pela: “pressão dos pais, pela responsabilidade da escola ou porque os alunos ainda não decidiram abandonar totalmente as salas de aula, decisão que a grande maioria deles tomaria com muito gosto”. Infelizmente a quantidade de alunos nessas condições não é pouca, muito pelo contrário, é um número bastante elevado.

Parece ser razoável, entender que a falta de interesse pela educação está relacionada as deficiências no nível de aprendizagem dos alunos, exigindo algumas adaptações na forma de organizar a escola, nos procedimentos metodológicos e na oferta do ensino, incluindo aí a utilização de recursos complementares que proporcionem um maior envolvimento do aluno no processo educativo. Desse modo, não existem dúvidas com relação às necessidades educativas especiais desses alunos, pois, tais educandos precisam de um tratar todo especial.

São diferenciadas as relações existentes entre a motivação, os problemas comportamentais e as deficiências na aprendizagem, porém, é uma relação difícil de ser estabelecida. Alguns alunos apresentam problemas de aprendizagem relacionados ao baixo desempenho no processo de aprendizagem, há outros, com baixo rendimento com boa motivação, isso fruto dos problemas individuais de aprendizagem, a relação entre essas variáveis não podem ser fundamentadas de forma linear, pois, elas são muito particulares e dependem de tantas outras influencias ou características. O que fica claro é que a motivação contribui com um bom aproveitamento escolar e a falta da mesma reflete no baixo rendimento escolar, muito embora, não é regra que todos os alunos com baixo rendimento escolar não tenham motivação pra aprender, porém, o baixo rendimento pode contribuir para que a motivação também diminua.

Marchesi defende que:

A crença tradicional, sustentada por algumas teorias psicológicas, é que a motivação é um traço próprio de cada pessoa, que se mantém relativamente constante ao longo do tempo e cuja modificação é bastante difícil. Dessa perspectiva, o aluno é responsável por seu pouco interesse pela aprendizagem. As teorias mais atuais sobre a motivação e a aprendizagem, porém, mostram que os motivos de um aluno devem ser entendidos a partir de suas experiências prévias, como um produto da interação do aluno com os diferentes contextos em que está presente o sentido da aprendizagem escolar (MARCHESI, 2004, p.130)

O aluno estar motivado ou não é um reflexo do significado que a educação tem

para ele. Nesses termos, a escola precisa buscar meios para favorecer a motivação, pois os professores podem perfeitamente ser mais motivadores que qualquer outro profissional da educação. É preciso, pois, que o educador busque conhecer o aluno, suas experiências vividas a fim de que se possa dar motivos a sua aprendizagem.

Porém, o compromisso com a motivação dos alunos, não deve ser apenas dos professores, ele precisa ser partilhado com a família, a sociedade e o poder público. Existem alguns educandos que sua cultura, suas condições sociais, econômicas e familiares, não estimulam a aprendizagem, sabe-se que tais contextos influem diretamente nas metas dos alunos e na sua motivação para aprender.

Alguns alunos têm baixa motivação para aprendizagem escolar, porém, tem muita motivação para desempenhar outro tipo de tarefa, é preciso, pois, analisar qual o grau de importância que o mesmo tem dada a aprendizagem escolar, ou quais os fatores impulsionadores da aprendizagem têm sido deixados de lado.

É fato, para que haja uma aprendizagem significativa o aluno precisa estar predisposto a aprender, ou ao menos aberto a aprendizagem, pois o conhecimento é construído através da interação entre o ensino e a aprendizagem, ou através da busca pelo mesmo, se o aluno se sentir impulsionado e compreender que esse conhecimento a ser adquirido é útil, fica muito mais fácil conquistar o sucesso nesse processo.

Bzuneck tem uma visão muito interessante sobre o significado das tarefas e das atividades:

Uma poderosa fonte de motivação consiste em o aluno ver significado ou importância das atividades prescritas. Para se entender esse princípio, considere-se que certas atividades aparecem com valor intrínseco para algumas pessoas, ou seja, são percebidas valiosas por gerarem satisfação, e por isso, acarretam o engajamento nelas com um fim em si mesmo. Este é o caso típico da motivação intrínseca e do interesse pessoal. Mas, pesquisas o comprovam, esse fenômeno é uma raridade no contexto das aprendizagens nos ensinamentos fundamental e médio, em que os alunos parecem ter outros interesses e buscam experiências gratificantes no lazer, nos esportes, na convivência social, nos MPs e em diversas outras atividades que não as de estudar ou participar ativamente das aulas. O quadro se agrava mais quando colegas e pais são, por vezes, modelos negativos, ao mostrarem que dão mais valor às notas ou ao diploma, ou quando pais aparecem como totalmente omissos à vida escolar de seus filhos (BZUNECK, 2010, p. 14).

A primeira razão para que o aluno dê importância as atividades desenvolvidas na escola é entender o significado que aquilo trará para a sua vida. Um conteúdo concebido

como irrelevante, não vai despertar o interesse do aluno, muito pelo contrário, vai entediá-lo. Por essa razão as tarefas escolares precisam ser significativas e prazerosas.

A escola deve ainda, de forma viável, motivar seus professores para o dia-a-dia na sala de aula (não é fácil), buscando sempre desenvolver e manter a motivação nos alunos, afim de que estes adquiriam os conhecimentos necessários e busquem muito mais.

A educação não pode ser concebida como mercadoria, ela não pode simplesmente ser trocada por uma nota, uma média ou um diploma. Ela precisa ser absorvida e utilizada.

Para tanto, faz-se necessário que a aprendizagem seja atrativa, uma vez que os jovens e adolescentes têm muitos atrativos fora da escola. Antunes argumenta que:

Cercado por múltiplas atrações eletrônicas ou sociais que a cada instante suscitam sua motivação é até certo ponto aceitável que uma criança ou adolescente não vá para a escola estimulado pelo interesse, motivado pelo fascínio do aprender. Então, assim, é responsabilidade do professor despertar interesse e participação, motivação e até mesmo entusiasmo nos alunos (ANTUNES, 2012, p. 43)

Porém, conforme a concepção de Antunes entende-se que o professor precisa ter domínio de conteúdo e utilizar estratégias motivacionais de aprendizagem, sem dessa forma, se desviar do objetivo principal da educação, favorecer o processo de ensino e de aprendizagem.

O aluno precisa se reconhecer enquanto protagonista de sua própria aprendizagem, ele não é um mero “espectador” da construção do conhecimento, ele faz parte do elenco de “atores principais”. Desse modo ele não precisa estar na sala de aula por conta das diversas imposições que recebe, mas, é necessário que o mesmo perceba a importância de se estar na escola e de se aprender.

Todavia, Bzuneck (2009) expressa que a motivação no cenário escolar foi gradativamente sendo estudado pela psicologia e sua história, isso aconteceu sob diversos ângulos, o que possibilitou a criação de vários conceitos e teorias. Atualmente o resultado dessa construção aparece de forma complexa, talvez por essa razão, tenham surgidos alguns mal entendidos no meio, visto que é preciso, além da visão panorâmica sobre os sujeitos envolvidos no processo, um olhar mais individual e focado desse campo de estudo.

A motivação tem sido compreendida por vários ângulos, ora é percebida

como um fator ou conjunto de fatores psicológicos, em outros momentos é concebida como um processo. O consenso existe no que se refere a dinâmica desses fatores, uma vez que, eles impulsionam, instigam, direcionam o comportamento e asseguram certa persistência em meio as dificuldades do caminho.

Quer seja percebida como um fator, quer seja percebida como um processo a motivação é responsável pelos efeitos imediatos e pelos efeitos finais. Os efeitos imediatos são facilmente percebidos diariamente em sala de aula, já os efeitos finais correspondem às consequências dos efeitos imediatos, que resultam geralmente em habilidades adquiridas e conquistas.

Até se chegar ao efeito final a motivação precisa ser estimulada em sala de aula, pois o fazer docente contribui diretamente com a motivação do aluno. São diversos, inúmeros os métodos de ensino, porém a causa mais gritante do desinteresse dos alunos está na falta de aplicação adequada de qualquer um desses métodos, pois, quando a aula acontece sem metas, sem curso certo, sem um padrão sequencial, transforma-se em um convite ao caos e ao desinteresse dos alunos. Ao escolher um método de ensino o docente está escolhendo sobre qual a metodologia a ser utilizada em suas aulas e sobre a maneira mais proveitosa e coerente de desenvolver esta aula. (ANTUNES, 2012).

A relação entre educador e educando deve ser prazerosa e por si só motivacional. A função dos sujeitos envolvidos no processo educativo, precisa transcender o ato de ensinar ou informar, estes, precisam ainda motivar.

Considerações finais

O processo de ensino e de aprendizagem é a base de todo o processo educacional, é preciso, pois, perceber que a motivação está diretamente relacionada a este.

A motivação, contudo, está intimamente ligada a diversos fatores de ordem pessoal, profissional, social e político.

É visível que quando existe à vontade, o impulso, a motivação, fica mais fácil realizar conquistas, uma vez que é necessário querer, para então dar o primeiro passo em busca dos objetivos pretendidos.

Para motivar o aluno a aprendizagem é preciso atrair a sua atenção, mostrar-lhe que adquirir os conhecimentos propostos além de importante é agradável.

Faz-se necessário ainda que se atente a faixa etária na qual o público das séries iniciais do Ensino Fundamental se encontra, para que as estratégias sejam traçadas com base na realidade e na linha de alcance desse público.

Finalmente, o professor não pode estar de fora desse contexto, ele também precisa ser motivado, pois, é impossível dar aquilo que não se tem, fazendo-se necessário ainda, que o mesmo receba o suporte necessário a fim de que possa desempenhar seu trabalho dignamente, sendo valorizado e reconhecido, inicialmente pela própria instituição e pelos alunos. É preciso viabilizar formação continuada para o corpo docente e em conjunto – professores, alunos e gestão – construir uma proposta pedagógica que atenda às necessidades motivacionais desse público.

Referências

ABREU, M.V. **Cinco Ensaios sobre Motivação**. 2ª Ed. Coimbra: Almedina, 1998. ANTUNES, Celso. **(In) Disciplina e (Des) Motivação**. V. 3. São Paulo: Paulos, 2012.

BILHIM, João Abreu. **Teoria organizacional: estruturas e pessoas**. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1996.

BUCK, R. **Human motivation and emotion**, 2ª ed. Nova Iorque: Wiley, 1988. BZUNECK, José Aloyseo. **Como motivar os alunos: sugestões práticas**. In: BUROCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo; GUIMARÃES, Sueli Édi Rufino. **Motivação para aprender: aplicações no contexto educativo**. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. **A motivação do aluno: aspectos introdutórios**. In: BUROCHOVITCH, Evely, BZUNECK, José Aloyseo. **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CASTELEIRO J. M. **Dicionário da língua portuguesa contemporânea da academia das ciências de Lisboa**. Lisboa: Editoria Verbo, 2001.

CORREIA, L. **A motivação dos alunos para as aulas de educação física**. F. M. H., 1993. HERZBER, Frederick. **Novamente: como se faz para motivar funcionários**. São Paulo: Atlas, 1997.

MALTA, Maria Isabel Serra Guerreiro. **O primeiro ano da docência:** A motivação dos professores licenciados do 1º ciclo do ensino básico, no 1º ano da docência. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Ciências Humanas – Departamento de Ciências Psicopedagógicas, 1999.

MARCHESI, Álvaro. **Os alunos com pouca motivação para aprender.** In: COOL, César;

MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação** transtornos dedesenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

NÉRICE, Imideo G. **Didática do Ensino Superior.** São Paulo: IBRASA, 1993. QUEIROZ, T. D. **Dicionário prático de pedagogia.** São Paulo: Editora Rideel, 2008.

RODRIGUES, C. **Das escolas e das culturas:** história de uma sequência consonântica, Actas do XIVº Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística. Vol, I. Aveiro: Braga, 1998.

SERPA, S. **Motivação para a prática desportiva:** validação preliminar do questionário de motivação para asatividades desportistas. Vol. 2. FACDEX, 1992.